

A CULINÁRIA REDESCOBERTA DE “EM BUSCA DO TEMPO PERDIDO”¹

Michelle Jacob,² Josimey Costa da Silva,³ Natália Batista⁴

Resumo: Para além da clássica imagem do chá com *madeleines*, na literatura proustiana pode-se falar em uma culinária que se desenha a partir de uma outra estética, que foge aos padrões de docilidade e simetria. Elucidá-la, a partir do texto de “Em busca do tempo perdido”, é o objetivo deste trabalho. O conceito de *culinária* é pensado aqui por uma perspectiva que o compreende como sistema cultural alimentar. Para lograr o objetivo desta investigação, foram realizadas leituras da obra e uma posterior documentação, que subsidiou a análise. Proust sugere que seu romance não representa uma sistematização em um corpo único e inteligível. Delineia-se, assim, a ideia de uma culinária indócil, que pode ser descrita por quatro características: concebe a cozinha tanto como destruição como criação; compreende a feira como espaço poético alimentar; empreende a escrita de guerra como forma de combate aos regimes de escassez; produz heterotopias pelos acessos alcoólicos. Partindo da leitura do autor, que advoga para a construção de sua obra um *pathos*, confirma-se que a culinária apresentada por ele não poderia ser sistematizada em um *logos*. Assim como na obra “Em busca...”, ela poderia ser pensada como o estudo de grandes leis e generalidades dietéticas, como uma culinária indócil.

Palavras-chave: Marcel Proust; Em busca do tempo perdido; Culinária; Literatura; Comida.

ABSTRACT: Beyond the classic image of the tea with *madeleines*, in Proustian literature it is possible to talk of a culinary that is drawn from another aesthetic, which escapes the patterns of docility and symmetry. Thus, the aim of this article is to elucidate such culinary, presented in Proust’s “In search of lost time”. Here the concept of cuisine is thought from a perspective that understands it as a cultural food system. To achieve the objective of this investigation, readings of the work were carried out, as well as a later documentation, which subsidized the analysis. Proust suggests that his novel does not represent a systematization into a single, intelligible body. Then, the idea of an indocile culinary emerges, which can be described by four characteristics: it understands the kitchen as destruction and creation; the market as a poetic space of food; undertakes writing of war as means to combat scarcity regimes; and produces heterotopias through alcoholic accesses. From the reading of the author, who advocates a *pathos* for the construction of his novel, it is confirmed that the cuisine presented by him could not be systematized into a *logos*. Just as in “In Search of lost time”, such cuisine could be thought as the study of great laws and dietary generalities, as an indocile culinary.

Keywords: Marcel Proust; In search of lost time; Culinary; Literature; Food.

¹ The Rediscovered Culinary of Proust’s “In Search of Lost Time”

² Professora do Departamento de Nutrição da UFRN. Endereço de email: michellejacob@ccs.ufrn.br

³ Docente e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia da UFRN.

⁴ Nutricionista e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRN.

I. UMA CULINÁRIA PROUSTIANA PARA ALÉM DAS MADELEINES

O sabor de um bolinho e o aroma de uma xícara de chá são codinomes para uma das maiores obras da literatura universal. Mesmo aqueles que nunca leram as mais de 2000 páginas que compõem “Em busca do tempo perdido” reconhecem-na quando escutam falar nas famosas *madeleines*, que formam o cenário que lançou a obra para o mundo.⁵ Seu autor chama-se Valentin Louis Georges Eugène Marcel Proust ou, apenas, Marcel Proust, nascido na cidade em Auteuil, no dia 10 de julho de 1871.⁶

No seu projeto de uma vida que foi a *Recherche* – traduzida para o português como “Em busca do tempo perdido” – alimentos e bebidas estão por toda parte. Uma de suas cenas mais analisadas, por exemplo, que também é o primeiro episódio de memória involuntária, é protagonizado pelos bolinhos chamados *madeleines* e por uma xícara de chá.

As referências de Marcel Proust à culinária não param por aí. O autor desvenda, em suas páginas, restaurantes, maneiras à mesa, receitas e bebidas. Prova disso é que os estudos que buscam, como este, fazer uma análise da alimentação que mora em suas páginas não datam de hoje. A mais antiga análise sobre comidas e bebidas na obra capital de Proust data de 1970.⁷ “Almoços de Combray, lanches de Rivebelle, jantares nos Guermantes, cozinha de Françoise, hospedaria de Doncières, restaurante de Balbec, tantas são as refeições na “Recherche du Temps Perdu” que bem poderia ser apenas uma viagem em torno de uma mesa”.⁸

Logo no segundo tomo da obra, por exemplo, Gilberte, filha de Charles Swann, ainda criança, oferecia chá aos amigos que chegavam como convidados para a merenda. O lanche servido na casa da menina levou os pequenos a um estado de tremenda excitação, sobretudo, devido ao bolo arquiteturalmente construído. Para o narrador, o doce se equiparava ao palácio de Dano, um ícone do poder persa entre os anos 521 e 485 a.C. O chá também era acompanhado por *toasts*, em clara referência ao espírito anglicista que imperava no século XIX. Mesmo que criança, a pequena Gilberte demonstrava, pelas pistas culinárias, que era uma Swann. A comida aqui, mais uma vez, fez seu papel de demarcar distinções de cunho social.⁹ Seu salão assemelhava-se a um templo: “julgava já ver a majestade do bolo de chocolate, rodeado por um círculo de pratos de *petits fours* e pequenos guardanapos

⁵ PROUST, Marcel. **No caminho de Swann**. Trad. Mário Quintana. Rio de Janeiro: Ed. Globo, 2006.

⁶ PROUST, Marcel. **À la recherche du temps perdu**. Org. Jean-Yves-Tadié. Paris: Gallimard, 1999.

⁷ COLLIN, Peter. “Food and drink a La Recherche du temps perdu”. *Neophilologus*, v. 54, n. 1, p. 244-257, 1970.

⁸ COSNIER, Collete. “Gastronomia de Proust”. In: **Marcel Proust**. Trad. Ferreira Gullar. São Paulo: Civilização brasileira, 1971. P. 204.

⁹ BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. Trad. Daniela Kern e Guilherme J. F. Teixeira. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007.

damasquiados cinzentos e com desenhos, exigidos pela etiqueta e peculiares aos Swann”.¹⁰

Observa-se na obra e, sobretudo, nas análises que são empreendidas, uma proliferação de imagens estéticas, imagens da docilidade, do conforto, claras e simétricas. Todavia, para além das imagens docilizantes, há nas páginas de Marcel Proust uma escrita e uma cozinha, ou seja, linguagens,¹¹ que não obedecem a esses padrões, são indóceis. A indocilidade proustiana é compreendida, portanto, como política que rebela-se contra a ordem estabilizada dos discursos normativos.^{12,13} Este é o objetivo deste trabalho: demarcar e problematizar tal culinária nas páginas de “Em busca do tempo perdido”.

Com esse fim, sob o tópico “Caminhos para redescoberta”, serão detalhadas as ideias que guiam este trabalho, bem como o modelo de sistematização utilizado na análise da obra. Sob o título “Anatomia da culinária indócil em Marcel Proust”, serão apresentadas as quatro características que definem essa culinária, que será chamada de indócil. Um fechamento provisório destas ideias será realizado, por fim, em “Do logos ao pathos: olhares múltiplos sobre culinária, literatura e vida”.

II. CAMINHOS PARA REDESCOBERTA

Culinária: da estrutura à singularização

Comumente, a culinária é compreendida como o ajuntamento de ingredientes que configuram certa cozinha. Neste trabalho, realizar a análise da culinária na obra de Marcel Proust envolve compreendê-la, no sentido levi-straussiano, como uma linguagem, um sistema cultural alimentar, regrada por convenções análogas àquelas que dão sentido e estabilidade às linguagens verbais.¹⁴

Além de um *léxico*, caracterizado por seus produtos, tem-se ainda uma *morfologia*, que define a forma de manipulação destes ingredientes em preparações: tomate para beber, para comer, para sorver; uma *sintaxe*, que versa sobre a ordenação deste léxico manipulado, as frases ou refeições: salada no início, no fim; bem como uma *retórica*, que define a forma como o discurso é apresentado, que efeito deseja causar, como a comida é consumida, preparada, servida: *slow, fast, self-service*. Culinária é um sistema articulado de signos que vivenciamos por meio de práticas cotidianas, assim como a fala para a linguagem verbal, mas repousado por elementos simbólicos que se relacionam e traçam, inconscientemente, uma estrutura.

¹⁰ PROUST, Marcel. **À sombra das raparigas em flor**. Trad. Mário Quintana. Rio de Janeiro: Globo, 2006. P. 107.

¹¹ LÉVI-STRAUSS, Claude. **A origem dos modos à mesa**. Trad. Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

¹² LAVIA, Mario. **Marcel Proust et la politique**. Roma: Portaparole, 2006.

¹³ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka: para uma literatura menor**. Trad. Rafael Godinho. Lisboa: Assírio & Alvim, 2003.

¹⁴ LÉVI-STRAUSS, Claude. *Op.cit.*

É importante destacar que, ao propor modelos explicativos inerentes aos grupos, o antropólogo não afirmou a imutabilidade de tais modelos. Ou seja, não considerava a cultura como uma simples transmissão de informação cultural, que se replicaria geração a geração. Ele concebia não uma estrutura global da cultura, mas a existência de processos de estruturação.¹⁵ “A cultura não é senão uma atividade perpétua e a ‘estrutura’ não é senão a constante manipulação de possibilidades”, comenta o sociólogo Zygmunt Bauman,¹⁶ em uma análise sobre a ideia de cultura em Lévi-Strauss.

Se podemos pensar em uma culinária indócil na obra de Proust, cabe perguntar: em que medida tais manipulações (na obra e em sentido geral) são conformações de uma mesma estrutura e não o estabelecimento de um novo modelo? Essa é uma pergunta de interesse neste ensaio, tendo em vista que a proposta é de discussão de uma culinária que não mora nos espaços canônicos da burguesia (e dos resquícios de aristocracia) francesa do século XIX e, sim, de uma culinária que anuncia a manipulação de um modelo vigente. Ou seja: em que medida a estrutura não contribui para a replicação de uma cultura hegemônica ou um modelo sublime? Onde mora o sujeito na estrutura? Uma derivação para refletir sobre essa questão pode ser tomada a partir de Félix Guattari e Suely Rolnik, que fazem uma análise micropolítica e advogam pela emergência de modos de subjetivação singulares chamados de “processos de singularização”:

[...] uma maneira de recusar todos esses modos de encodificação preestabelecidos, todos esses modos de manipulação e de telecomando, recusá-los para construir, de certa forma, modos de sensibilidade, modos de relação com o outro, modos de produção, modos de criatividade que produzam uma subjetividade singular. Uma singularização existencial que coincida com um desejo, um gosto de viver, com uma vontade de construir o mundo no qual nos encontramos, com a instauração de dispositivos para mudar os tipos de sociedade, os tipos de valores que não são nossos.¹⁷

Processos de singularização, portanto, são capazes de estabelecer agenciamentos que rompem com modelos estabelecidos. O que propõem Guattari e Rolnik é a ativação de um processo de singularização que agence outros modos de produção semiótica, que considere as dimensões micro e macropolíticas ao trabalhar por uma sensibilidade estética, que rompa com as linhas de montagem do desejo fragmentadas da realidade política, que são produtoras de modos de vida, que levam pessoas ao desespero como, por exemplo, o que é produzido pela fome.

¹⁵ LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural**. Trad. Chaim Samuel Katz e Eginardo Pires. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 2003.

¹⁶ BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Trad. Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. P. 167.

¹⁷ GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1986. P. 17.

Portanto, discutir a ideia de uma culinária indócil, que se produza fora dos cânones, cabe utilizar um referencial conceitual que combine as seguintes acepções:

1. De que existe um sistema organizado que rege uma culinária canônica. Este sistema é formado por categorias que determinam os elementos simbólicos e por práticas/attitudes que correspondem a essas relações. Lévi-Strauss expõe uma ética universal para os valores alimentares, que é posta a funcionar de forma inconsciente com elementos simbólicos que se determinam reciprocamente e com relações que traçam o espaço da estrutura em cada caso.
2. De que há agenciamentos que rompem com os elementos logocêntricos inscritos na gramática culinária. Neste processo, os indivíduos se desapropriam dos componentes de uma subjetividade pré-fabricada e movimentam processos de singularização. O estudo de tais agenciamentos exige um debruçar sobre as cartografias micropolíticas, o que absolutamente não se constituiu o objeto de estudo de Lévi-Strauss, que se preocupou com as macroestruturas.
3. De que a culinária, por fim, além de um campo de expressão da cultura, é também uma esfera de expressão dos campos políticos e sociais. “Toda a obra de Proust gira em torno da ideia de que é impossível autonomizar esferas como a da música, das artes plásticas, da literatura, [da culinária] dos conjuntos arquitetônicos, da vida microssocial nos salões”.¹⁸

Mise en place da culinária proustiana

Após esse breve delineamento conceitual da questão culinária, cabe ainda detalhar alguns pontos que dizem respeito a como este trabalho foi operacionalizado.

A tradução para o português-Brasil foi aquela utilizada para leitura e citações. A escolhida foi produzida pelos escritores brasileiros nos anos 40: Mário Quintana, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade e Lúcia Miguel Pereira. Essa tradução, elaborada por autores-tradutores é, até os dias de hoje, consagrada pela crítica literária.¹⁹ A edição francesa, elaborada por Jean-Yves Tadié e publicada pela Editora Gallimard (1954, atualizada em 1987), serviu como documento para consulta de termos e outros elementos que se fizeram necessários. Além disso, as passagens que emergem como centrais na obra, após a análise, também foram lidas na edição francesa.²⁰

No âmbito da pesquisa, quando da primeira leitura do romance, foram realizados grifos no volume para destacar passagens que tratassem da culinária não apenas com referência aos alimentos enunciados, mas compreendendo a culinária como

¹⁸ *Ibid.* P. 21

¹⁹ BARBOSA, Maria da Anunciação. **Em busca da tradução consagrada de Mário Quintana.** 2012. 166 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos Neolatinos), UFRJ. Rio de Janeiro, 2012.

²⁰ PROUST, Marcel. **À la recherche du temps perdu.** *Op.cit.*

sistema, no sentido exposto no tópico 2.1, que define, portanto, um *framework* conceitual analítico.

Após a finalização desta organização, o arquivo foi percorrido em busca de elementos síntese que auxiliassem a construção da ideia de uma culinária que não obedecia às imagens comumente referidas como de uma estética proustiana. A proposta da leitura de uma culinária que se liga a essa ideia na *Recherche* fundou-se na observação do rompimento com as imagens da normatividade burguesa proustiana e de elementos de enunciação do coletivo que surjam desta cenário. Neste sentido, buscar a situação dos miseráveis da França em uma época de aparente esplendor, ou clamor de desespero de todo um país advindo de uma guerra, ou os espaços comuns de comercialização de alimentos, produz uma aproximação dessa pretensão.

Foram realizadas, por fim, sínteses com o intuito de encontrar categorias analíticas que pudessem ser referência para caracterizar essa culinária, que está para além das *madeleines*.

III. A ANATOMIA DA CULINÁRIA INDÓCIL EM MARCEL PROUST

“A vida é um fluido indócil que ninguém consegue reter, apressar, salvar. É uma atividade que a si própria consome”.²¹

O que moveu esta busca foi o desejo de desvelar uma culinária que ultrapassasse os limites delineados pela ótica do bom, do belo e do moralmente aceitável. Há uma culinária a ser redescoberta em Marcel Proust. E, embora ela viva em zonas obscuras, seus elementos, que ressoam por toda parte, estão enrolados na canônica culinária proustiana.

Ainda que seja possível qualificar tal culinária, é um desafio tentar nomeá-la. O dócil é o submisso, que segue domesticadamente e obediamente o estabelecido pela regra de um *logos* qualquer vigente com o fim de estabelecer uma unidade. O doce, qualificativo muito utilizado por Proust, forma unidade: forma calda, caramelo. Movimentos doces de Albertine, a doce satisfação de Madame Verdurin ao abocanhar um *croissant* em pleno racionamento da guerra, as doces recepções no salão dos Guermantes, *petits fours* de mamãe. O doce é dócil.

A culinária de que se trata não constrói uma unidade, mas, multiplicidades: dimensões que se englobam umas nas outras e que não têm a necessidade de uma unidade instituída sob um *logos* para formar um sistema. Esse sistema de multiplicidades é composto por um fluido indócil, como o fluido que é vida no dizer de Ortega y Gasset, de direções movediças, sem começo e sem fim, que transborda, que se consome enquanto acontece. Fala-se, portanto, de uma *culinária indócil*.

²¹ ORTEGA Y GASSET, J. **Meditaciones del Quijote**. Madri: Residencia de estudantes, 1914. P. 512. Tradução nossa.

O indócil rejeita o discurso de mestres na medida em que compreende a potência, a política, que reside nos agenciamentos coletivos. Não se deixa docilizar pelos enunciados estabelecidos, mas busca produzir um enunciado comum, que exprime uma comunidade. O indócil não se deixa enganar pela procura de um centro, que não comporte periferias. Todo centro possui sua periferia, todo fora possui um dentro, toda província tem seu sul. A culinária indócil percebe essa condição paradoxal de seus espaços e comensais. O indócil aguarda a surpresa ao invés da previsibilidade demiúrgica: Proust para além das *madeleines*.

A seguir, serão apontadas quatro características que desvendam a culinária indócil na obra “Em busca do tempo perdido”.

Concebe cozinha como destruição e criação

Cozinhar é um ofício que é percebido como inferior. Um trabalho sórdido, como diz Odette, em “No caminho de Swann”. É aí que mora sua potência: é pelo exercício da cozinha que empregados, vistos como inferiores, se fazem visíveis. E, principalmente: o fato de não serem vistos permite a possibilidade de se infiltrar, simbioticamente, na intimidade da família e de penetrar no mais íntimo dos espaços do outro. Françoise tinha segredo em mãos. Mexia em cartas que não deveria ver. E gostava de lembrar-se da história de uma “cozinheira que lhe contara haver ameaçado os patrões e obtido deles mil favores”.²² Como o cozinheiro, que em uma das traduções das “Mil e uma noites”, relacionara-se com uma das esposas do rei Sharyar. Segundo Jorge Luis Borges, um dos leitores desta tradução, o cozinheiro é descrito da seguinte maneira: “um negro cozinheiro, rançoso de graxa de cozinha e de fuligem”.²³ O último nível de uma escala de visibilidade, capaz de mudar os rumos da história de um reinado.

Para além das relações que se travam como fruto de uma ética entre patrões e empregados, há a vida produzida no interior deste espaço. Longe da arte e da beleza idealizadas – local feminino, de subserviência, de carinho e amor –, a cozinha é um espaço de violência e domesticação. Françoise, em “No caminho de Swann”, mostra isso ao torcer os pescoços dos frangos, muito naturalmente, acompanhada dos gritos de “excomungado!”.

Habitava em Françoise, sacerdotisa de Vênus, mantenedora da mesa nutritiva familiar, uma atitude de perversão capaz de gerar surpresa.²⁴ Longe de toda teatralidade maternal, Françoise podia empreender sua atividade abjeta: matar frangos, admirar seu sangue escorrer e prepará-los docemente. Marcel, para escrever, precisa destruir a *madeleine*, comendo-a; Françoise, para produzir culinária precisa destruir o frango, cozendo-o. Ambos precisam proceder à destruição da ordem original para produção de suas obras. E gozam com isso. Esta atitude é reproduzida por Proust em detalhes ao empreender, igualmente, uma escrita sádica. De sua cozinha aos seus bordéis, cada ato de dor ou sacrifício é narrado com

²² PROUST, Marcel. **O caminho de Guermantes**. Trad. Mário Quintana. Rio de Janeiro: Globo, 2007. P. 392.

²³ BORGES, Jorge Luis. **Obras completas**. Buenos Aires: Emecê, 1990.

²⁴ PROUST, Marcel. **O caminho de Guermantes**. *Op.cit.*

detalhes eleitos com requinte e prazer. Para o narrador da *Recherche*, tão ruidoso quanto o sofrimento, apenas havia o prazer. A relação de Proust com o mundo era de uma estranheza diferente da romântica. Ela, na verdade, roça o sadismo.²⁵

Eliane Silva, em dissertação de mestrado, aponta uma atitude similar em Clarice Lispector com sua emblemática galinha. A autora fala de uma perversão estilística, de um sadismo narrativo como quando Lóri e Ulisses se preparam para ir a um restaurante comer galinha ao molho pardo.²⁶ O trecho é de “Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres”.

[...] bem pardo por causa do sangue espesso que eles lá sabem preparar. Quando penso no gosto voraz com que comemos o sangue alheio, dou-me conta de nossa truculência, disse Ulisses. Eu também gosto, disse Lóri a meia voz. Logo eu que seria incapaz de matar uma galinha, gosto tanto delas vivas, mexendo o pescoço feio e procurando minhocas. Não era melhor, quando formos lá, comer outra coisa? Perguntou a meio dedo. Claro que devemos comê-la, preciso não esquecer e respeitar a violência que temos.²⁷

Talvez a fórmula esteja invertida: não nos tornamos violentos porque precisamos domesticar o comestível, inventamos a culinária como a concebemos porque somos violentos, no sentido da imputação de ação na transformação da natureza. Marcel, apavorado com o ritual de sacrifício, fez e refez a fórmula em sua cabeça, fórmula que sua tia Léonie certamente já teria operacionalizado antes. Adorava o frango, adorava a violência com que Françoise o agredia, como adorava a violência de Charlus em casa de Jupien. Acreditava, como Ulisses e Françoise, que o sangue, como a violência, faz parte da vida humana. Aceitá-los é uma forma de romper com qualquer estereótipo que ronde a cozinha e nossas representações primeiras, maternas, do comer. A criação pressupõe a destruição de uma ordem primeira. Assim, retira a cozinha do espaço dos bons sentimentos para reposicioná-la no espaço dos sentimentos humanos: tão contraditórios quanto a própria Françoise.

Compreende a feira como espaço poético alimentar

Como são alimentadas as belas e delicadas mesas proustianas? Pelos pequenos camponeses, agricultores, pescadores que comercializam seus produtos nas feiras e mercados públicos. Longe da domesticação dos alimentos produzida na cozinha e do controle das emoções burguesas orquestrando as refeições, há um local onde os alimentos repousam em seu estado de nudez, ignóbeis em sua natureza, cantados em gritos: a feira.

A feira deveria ser um espaço comum, já que há em sua gênese uma relação de dependência, que é mútua, entre os que vendem e os que compram. Termina, antes, sendo um espaço de circulação de “uma multidão plebeia” que causa horror a

²⁵ PROUST, Marcel. **Sodoma e Gomorra**. Trad. Mário Quintana. São Paulo: Globo, 2008.

²⁶ SILVA, Maria Eliane da. **O dever – Clarice e o animal – escrita na literatura infantil**. 2010. 138 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – UFRN. Natal, 2010.

²⁷ LISPECTOR, Clarice. **Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. Pp. 97-98.

Marcel. Albertine, por outro lado, encontra, nos gritos, o elemento de transformação daqueles alimentos avulsos e crus em uma boa refeição.

‘Oh!’, exclamou Albertine. ‘couves, cenouras, laranjas. Só coisas que eu tenho vontade de comer. Mande Françoise comprar. Ela preparará as cenouras com creme. E depois, será gostoso comer tudo isso junto. Serão todos esses ruídos que ouvimos transformados numa boa refeição. Ou antes, por favor, peça a Françoise para ela fritar uma arraia em manteiga queimada. É tão gostoso!’²⁸

Há uma multidão plebeia que habita a feira. Ainda que, por isso, a ideia de estar em meio a ela parece ser inconveniente, os alimentos parecem exalar algo de vital. O grito da feira produz um discurso literário e, logo, gustativo, que encanta Albertine, a então prisioneira de Marcel.

Os produtos da feira proustiana compõem uma poética dos alimentos porque são matérias que nutrem a alma, que “levam a sonhar com uma intimidade das substâncias”, ativam o onirismo, são matérias pululantes porque vivas, que sintetizam corpo-alimento, como no caso de Albertine ao provar um sorvete na saída da feira.²⁹

É assim que, junto ao meu meio sorvete amarelado de limão, vejo muito bem postilhões, viajantes, segas de posta, sobre os quais a minha língua se encarrega de fazer rolar avalanches glaciais que as sorverão (a voluptuosidade cruel com que disse isto excitou o meu ciúme); ‘do mesmo modo’ acrescentou ela, ‘que me encarrego com os meus lábios de destruir, pilastra por pilastra, aquelas igrejas venezianas de um pórfiro que é morango, e de fazer desabar sobre os fiéis o que eu tiver poupado. Sim, todos esses monumentos passarão de sua praça de pedra para o meu peito, onde já palpita a frescura da sua liquefação.’³⁰

Qual é a vitalidade que pulula nestes alimentos? Qual é matéria que os constitui? Qual o fundo destas substâncias que permitem a construção da poética? O estabelecimento de uma poética dos alimentos, pensando na perspectiva bachelardiana, deveria contar com matérias próprias do sonho: “para que um devaneio tenha prosseguimento, preciso que ele encontre sua matéria, é preciso que um elemento material lhe dê sua própria substância, sua poética específica”.³¹

Pode-se compará-las às matérias que dão vida aos signos sensíveis, como denomina Deleuze em “Proust e os signos”. Signos sensíveis “são signos verídicos, que imediatamente nos dão uma sensação de alegria incomum, signos plenos,

²⁸ PROUST, Marcel. **A prisioneira**. Trad. Manuel Bandeira e Lourdes Sousa de Alencar. São Paulo: Globo, 2011. P. 147.

²⁹ BACHELARD, Gaston. **A terra e os devaneios do repouso: ensaio sobre as imagens da intimidade**. Trad. São Paulo: Martins Fontes, 1990. Pp. 4-5.

³⁰ PROUST, Marcel. **A prisioneira**. *Op.cit.* Pp. 149-150.

³¹ BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria**. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

afirmativos e alegres. São signos materiais”.³² Alegria e afirmação não são qualidades em si da *madeleine*, por exemplo, mas um signo de um objeto outro, que é capaz de provocar este despertar. Poder-se-ia, analogamente, dizer que há uma qualidade sensível em tais alimentos da feira, que proporcionam uma exaltação onírica, que não é propriedade do alimento em si, mas dessa matéria que constitui os sonhos humanos. Os signos sensíveis, em um esforço em geral sujeito ao fracasso, são decifrados e seu sentido aparece, relevando-nos um objeto ou uma matéria oculta, como Combray para a *madeleine*, como o grito da feira para a Albertine. A matéria, que faz sonhar e que lança os alicerces de uma poética dos alimentos, neste caso não é composta por signos vazios de sentido, indecifráveis.

Portanto, na feira, tudo é político: os acontecimentos ali são da ordem do comum e tentam, por meio de suas cartografias microsociais, que atuam embaixo, arrombar a ordem estabilizada, trazendo à tona espaços de invenção. “O campo político contaminou o enunciado todo”.³³ Sua enunciação é coletiva, é assunto do povo, produz um grito solidário entre aqueles que moram na casa ritualística da palavra que vive no pregão. Essa enunciação corre para um agenciamento também de ordem coletiva, que exprime o desejo do povo fazer-compor-feira. “A literatura exprime esses agenciamentos, nas condições em que não são considerados exteriormente, e onde eles existem apenas como forças diabólicas por vir, ou forças revolucionárias por construir”.³⁴

A feira é, assim, desterritorializada em relação à literatura proustiana. *Território* é tomado aqui não como um lugar geográfico, mas como um campo de vinculação, um senso de proteção. Deleuze e Guattari³⁵ apresentam a *desterritorialização*, em se tratando da literatura de Kafka, em dois níveis: a desterritorialização – implicada pela linguagem – da boca, língua e dentes, que encontram sua territorialidade primitiva nos alimentos; e a da escrita em uma língua com alto coeficiente de desterritorialização: um judeu, tcheco e que escreve no alemão de Praga. Pensando em Proust: como exprimir a feira, o som, seus odores, o povo, no domínio de uma literatura francesa enraizada no cânone universal literário? Como inscrever esta língua de uma minoria em uma língua maior? Proust, assim como Kafka, localiza-se entre a impossibilidade de não escrever e a impossibilidade de escrever de outra maneira senão distanciando-se de sua territorialidade primitiva e caminhando em direção a um devir-multidão-plebe. “Proust, [assim como] Joyce, Kafka, Becket são verdadeiros especialistas em objetos mentais hiperdesterritorializados e ninguém entende disso melhor do que eles!”³⁶

Na feira, a construção do espaço poético alimentar em Proust mora em dois níveis: no desvelar das cartografias embutidas no objeto social alimento, há um rompimento empreendido por Proust ao erguer os alicerces do coletivo, e no

³² DELEUZE, Gilles. **Proust e os signos**. Trad. Antonio Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. P.12.

³³ DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. **Kafka: para uma literatura menor**. *Op.cit.* P. 40.

³⁴ *Ibid.* P. 41.

³⁵ *Id.*

³⁶ GUATTARI, Félix. **Revolução molecular: pulsações políticas do desejo**. Trad. Suely Rolnik. São Paulo: Brasiliense, 1985. P. 146.

desvelar das cartografias do sujeito em sua relação individual com o alimento, matéria nutritiva que é repleta de sentido.

Empreende a escrita de guerra como forma de combate aos regimes de escassez

A Primeira Guerra Mundial ensinou à humanidade uma de suas grandes lições: um país faminto é um país vulnerável. Seja pelo desmonte da agricultura ou pela prioridade dada por algumas nações aos seus suprimentos de armas, a Primeira Guerra Mundial produziu um regime de escassez de alimentos que foi imposto em medidas diferentes a toda a população.

Esse foi um momento profícuo para reflexão sobre os alimentos. Percebeu-se que privar as nações inimigas de alimentos poderia ser uma estratégia a ser empregada: “aquela Inglaterra impecável, incapaz de mentira, impedindo o trigo e o leite de entrarem na Alemanha, se lhe afigurava como a nação dos homens intransigentes”.³⁷ Os alimentos, a partir daquele instante, passaram a repousar nas bases de uma política de segurança nacional: cada país deveria produzir e gerenciar sua alimentação de modo a não ficar vulnerável a embargos, cercos ou boicotes produzidos por razões políticas ou militares.

A França de Proust igualmente sofreu com este novo regime. Sobretudo, pelo declínio da produção agrícola local, como resultado da nomeação de um grande contingente e da invasão do norte do país. O país foi obrigado a importar alimentos. Os preços passaram a subir: o preço do trigo, por exemplo, que oscilava entre 23-25 francos antes da guerra, em 1918 chegou a 75 francos. Os gêneros foram se tornando cada vez mais escassos.³⁸

Sob o risco de comprometer a vontade de um leitor de bons sentimentos, que procura o amor pela nostalgia atizada e satisfeita pela pequena *madeleine* combraysiana, Proust empreendeu o projeto de uma escrita da guerra: desvelando a escassez de alimentos para o corpo e para a alma. Ele nasceu logo após o fim da guerra franco-prussiana e teve uma gestação embalada pelo cerco e pela comuna de Paris. Quando jovem, aos 18 anos, em novembro de 1889, Proust se apresentou como voluntário no 76º regimento da infantaria de Orléans. Em 1890, foi dispensado do serviço obrigatório por questões de saúde.³⁹

Mesmo fora do serviço militar, a guerra permaneceu em sua vida por meio da escrita. Comenta Painter: “Orléans, com suas ruas pavimentadas, hospedarias aconchegantes e vistas brumosas das campinas vizinhas, tornou-se Doncières; como ele a viu pela primeira vez no outono”.⁴⁰ Marcel, o narrador, parte para lá em busca de seu amigo Robert Saint-Loup, que materializa o militar bravo e forte de

³⁷ PROUST, Marcel. **O tempo redescoberto**. Trad. Lúcia Miguel Pereira. São Paulo: Globo, 2013. P. 110.

³⁸ HARDACH, Gerd. **The First World War, 1914-1918**. São Francisco: University of California Press, 1981. 2 v.

³⁹ MAHUZIER, Brigitte. **Proust et la guerre**. Paris: Honoré Champion, 2014.

⁴⁰ PAINTER, George D. **Marcel Proust**. 2. Trad. Fernando Py. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1985. P. 87.

porte aristocrático na *Recherche*. Vai em busca de Robert para que ele intervenha junto à sua tia, sua nova paixão: a duquesa de Guermantes. Conta sobre jantares militares, cafés e sobre suas impressões daquele lugar.⁴¹

Em “O tempo redescoberto”, o tema da guerra é retomado. O narrador e Gilberte estão em Tansonville, propriedade do então casal Saint-Loup, em Combray. A guerra eclode em 1914, ano em que Marcel retorna à Paris, após longo tempo de permanência em um sanatório: havia abandonado inteiramente seu projeto de escrita. Ao chegar em Paris, recebe cartas de Gilberte, que contam sobre uma Combray perdida como campo de guerra. Diz ela em sua carta:

[...] o imenso trigal ao qual conduz é o famoso marco 307, cujo nome há de ter lido muitas vezes nos comunicados. Os franceses dinamitaram a ponte sobre o Vivonne, aquela que, segundo dizia, não lhe lembrava a infância tanto quanto desejava, e os alemães construíram outras; durante ano e meio, dominaram uma metade de Combray e os franceses, a outra.⁴²

A guerra levou Paris aos bordéis, foi motivo de preocupação e burburinhos na cozinha de Françoise, que, admirada, acompanhava o desfile de zepelins nos céus. A guerra dizimou os jovens parisienses, motivo de preocupação para o barão de Charlus, que ironicamente levantava o problema: “que prazer haverá em jantar num restaurante servido por velhos palhaços barbudos como o padre Didon, ou até por mulheres de touca, que dão a impressão de se estar numa distribuição de sopa aos pobres?”⁴³

A guerra está na literatura de Proust, na escassez de alimentos. Está em Mme. Verdurin, privada de seu necessário *croissant* diário. Está nos miseráveis de Paris, privados do atendimento de suas necessidades mais elementares. Ambos têm acometidos, em escalas diferentes, seus regimes habituais. Está em Proust, ainda no ventre de sua mãe, privado de alimentos básicos devido à escassez imposta pela comuna. A máquina de guerra proustiana, sua literatura, se fez grande com a escassez. Ricos e pobres, soldados e cocotes, burgueses, povo e aristocracia; não há Deus. Os alimentos faltam, os ricos racionam, o povo chega à miséria.

À hora do jantar os restaurantes se enchiam, e se, passando pela rua, eu via algum pobre soldado de folga, livre por seis dias do risco permanente de morte, mas prestes a voltar às trincheiras, no hotel de Balbec, quando os pescadores nos espiavam ao jantar, mais ainda, porém, pois sabia a miséria do soldado maior do que a do pobre, porque compreende todas as misérias.⁴⁴

Os soldados, em plena guerra, tomados pela ausência do que comer e pelo permanente estado cadavérico de suas almas, salivam tristemente por todas as suas misérias nas vitrines de restaurantes. Portanto, em primeira instância, pode-se dizer que a escassez na *Recherche* produz um discurso humanista: uma reflexão sobre a

⁴¹ PROUST, Marcel. **O caminho de Guermantes**. *Op. cit.*

⁴² PROUST, Marcel. **O tempo redescoberto**. *Op. cit.*, Pp. 85-86.

⁴³ *Ibid.* Pp. 129-130.

⁴⁴ *Ibid.* P. 60.

origem dos males que condicionam a escassez imposta, neste caso, pela guerra. Discurso que guarda semelhanças com aquele produzido por Victor Hugo para retratar as agonias dos miseráveis durante o período de conflitos da revolução francesa. A metáfora do restaurante como um aquário, onde os miseráveis amontoam-se junto ao vidro para assistirem ao festim de estranhos seres que comem em fartura, é levantada em “À sombra das raparigas em flor”, tomo II, repete-se em “A fugitiva”, tomo VI, em “O tempo redescoberto”, tomo VII, e suscita uma inquietação e uma interrogação por parte do narrador: “uma grande questão social, saber se a parede de vidro protegerá sempre o festim dos animais maravilhosos”.⁴⁵

O narrador inicia este movimento lançando seu olhar ao fora. Essa é a opinião de Samuel Beckett, quando fala da obra de Proust como sendo livre de consideração moral, onde não há certo e errado, exceto no momento em que traz a escassez da guerra às suas páginas: “salvo talvez naquelas passagens tratando da guerra, quando por um momento ele deixa de ser um artista e une sua voz aos apelos da plebe, do populacho, da multidão, do povaréu”.⁴⁶

A guerra de Proust é indócil porque ela é capaz de produzir uma enunciação do coletivo que sofre com a escassez em tempos de guerra. Escassez determinada pela falta de alimentos materialmente digeríveis e por cenários produtores de um regime da falta, do sofrimento e da dor. Proust, além de produzir uma literatura política, preocupada com assuntos do povo, concebe sua obra como uma máquina literária, capaz de produzir ordens de verdade de um escritor que se subjetiva pela escrita: os signos bélicos, enunciação de sofrimento de uma máquina coletiva de expressão, transformados em aprendizados que serão materializados na obra de arte. A escassez da guerra produz para si a fome de escritura, que verte o tempo perdido em tempo redescoberto. Da escassez nasce aquilo que nutre. A escassez é a matéria que alimenta a máquina e que a transforma em nutrição para o mundo.

Produz heterotopias pelos acessos alcoólicos

Gérard Genette, em “Mesa redonda sobre Proust”, com Deleuze, Barthes e sob a mediação de Serge Doubrovsky, comenta que, “desde as primeiras páginas de Combray, o tema do álcool e da sexualidade aparecem de maneira contínua”.⁴⁷ As partes que chamamos de malditas, no romance proustiano, são solicitadas pela ebriedade.

No hotel de Balbec, após beberagens de prazeres claramente apreciáveis – doses de cerveja, champanhe e gotas de puro porto – Marcel era um homem novo, não era mais o neto de sua avó. Aquela avó que via o neto morrer alcóolico pelas prescrições médicas para sufocações:

⁴⁵ PROUST, Marcel. **À sombra das raparigas em flor**. *Op.cit.* P. 310.

⁴⁶ BECKETT, Samuel. **Proust**. Trad. Arthur Netrovski. São Paulo: Cosac Naify, 2003. P. 70.

⁴⁷ DELEUZE, Gilles. **A imagem-tempo**. Trad. Eloisa de Araújo Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 2005. P. 54. Tradução nossa.

[...]que tomasse cerveja, champanhe ou conhaque [apenas] quando sentisse aproximar uma crise. Para que minha avó permitisse que me dessem bebida, muitas vezes me via obrigado a não dissimular, a quase ostentar meu estado de sufocação”.⁴⁸

Na *Recherche*, Cottard, o médico, é um dos seres que exala a moralina nietzscheana. Em um exercício normalizador de controle dos corpos, torna-se presidente da liga antialcoólica, descrita em “Em busca...”. Desconhece que algumas formas de embriaguez podem produzir belos feitos ou desnudar um “homem especial”, como comenta Marcel Proust.⁴⁹ O médico exala generalizações com pouco de ciência e muita vontade de poder para compor, junto com os padres, a história daqueles que o impedem de gozar. Eles temem os espíritos livres.

Independentemente de seus brados, na *Recherche* desfilam: cervejas, conhaques, cidras, licores, café misturado com rum para compor o *mazagran* ou café misturado com aguardente para o *glória*. Vinhos, vinhos tintos, espumantes ou porto. Os bebedores proustianos, como bons alquimistas, deixam claro: uma poção exata para cada tipo de *humor*.

Como o som do triste fado, o Porto é melancólico. Marca o fim do gozo dietético, quase-morte. Como o espírito melancólico do conde de Crécy, primeiro marido de Odette, um novo pobre, destituído de sua fortuna implacavelmente desperdiçada pela cocote e ainda grande conhecedor de uma ciência refinada. Pura melancolia. O vinho é líquido fundamental dos humores proustianos. Um corpo vivo que sustenta os espíritos mais diversos, voláteis e leves. Leves porque nômades, desprovidos de razões estriadas, quando dele usufruem em demasia. Nasce um novo homem, sentia Marcel.⁵⁰

Proust, conhecedor destas vias abertas pelo álcool, as deixa sempre bem visíveis na *Recherche*. Como quando relata seus efeitos sobre Albertine. Seu estado ébrio guardava o segredo de seu acesso e de suas descontinuidades eróticas, projetadas em Marcel:

[...] depois que Albertine havia bebido a sua garrafa de cidra; parecia então não mais suportar entre nós dois um intervalo que habitualmente não a incomodava; sob a saia, as suas pernas apertavam-se contra as minhas, aproximava de minhas faces as suas faces, que se haviam tornado pálidas, quentes e vermelhas nos pomos, com algo de ardente e de fanado como o têm as mulheres de arrabaldes.⁵¹

O álcool promovia um encontro desses acessos, como tão bem fazia com as mulheres e, também, homens nos bordéis deslocados do centro de Paris. Verdadeiras *heterotopias* proustianas. Michel Foucault, em 1986, traz à tona a discussão do espaço. Convida para uma reflexão sobre o espaço de fora, sobre os

⁴⁸ PROUST, Marcel. *À sombra das raparigas em flor*. *Op. cit.* P. 95.

⁴⁹ PROUST, *O caminho de Guermantes*. *Op.cit.*

⁵⁰ PROUST, Marcel. *À sombra das raparigas em flor*. *Op. cit.*

⁵¹ PROUST, Marcel. *O caminho de Guermantes*. *Op.cit.* P. 478.

espaços que, em relação com todos os outros, suspendem, neutralizam ou invertem o conjunto de relações pensadas. Ou seja, são espaços em relação com todos os outros, contradizendo, no entanto, todos os seus posicionamentos. São as *heterotopias*.⁵²

As utopias são heterotopias, denominadas por ele como espaços essencialmente irrealis. Há ainda as heterotopias propriamente ditas e, dentre elas, as heterotopias de desvio, que localizam em um espaço indivíduos com comportamentos desviantes em relação à norma exigida. Por exemplo, os bordéis para homens, que inscrevem uma tripla inversão na moral inscrita hegemonicamente: homens casados em relações extraconjugais, sem fins reprodutivos e, finalmente, com outros homens. Tome-se, como exemplo, Robert Saint-Loup, tutorado por seu tio Charlus: homem viril, fardado, casado com Gilbert Swann, o rei do *rendez-vous gay* na *Recherche*.

O bordel é uma heterotopia que tenta, por inversão, criar um espaço de ilusão: frente a todos os posicionamentos traçados no interior da compartimentalizada vida humana, ele cria um espaço desorganizado, confuso, onde é possível transbordar-se, onde é possível elevar-se ao impossível. A heterotopia tem o poder de justapor vários posicionamentos em um só:⁵³ Charlus e o filho do criado, o leiteiro, o apache; Saint-Loup e o garçom Aimé, Morel; Albertine e suas orgias, o signo da perfeita inversão.⁵⁴ Esses outros espaços oferecem, enfim, um abrigo para sexualidade que foge à norma, sem deixá-la inteiramente ao ar livre. São sistemas que as isolam, mas que as deixam penetráveis.

Frente a todos estes locais, que elevam o binômio comida-sexo a graus de dispêndio, o *rendez-vous* permanece como a máxima heterotopia em “Em busca...”. Os *heterotopos* se alimentam dessas inversões, que produzem Saint-Loup verdadeiro cavalheiro, marido adorável, pai de uma pole invejável, habitava uma dobra em que repousava seu paraíso de inversão: flertava com os garçons, amava aquela volúpia caótica, mesmo sentado ao lado de Gilberte no restaurante.⁵⁵

Na *Recherche*, o álcool autoriza a duração de um estado fora da razão. Os dispêndios excitados, postos em ação, “de saída do longo sono em que fermentam e enfraquecem”⁵⁶ a racionalidade apolínea dando lugar ao dionisíaco, propriamente indócil.

⁵² FOUCAULT, Michel. “Of others spaces. **Diacritics**”, Baltimore, v. 16, n. 1, pp. 22-7, 1986.

Disponível em:

<http://www.jstor.org/discover/10.2307/464648?uid=3737664&uid=2&uid=4&sid=21104118368193>. Acesso em: 07/05/2014.

⁵³ *Ibid.*

⁵⁴ BATAILLE, Georges. **O Erotismo**. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. P. 200.

⁵⁵ PROUST, Marcel. **A fugitiva**. Trad. e Carlos Drummond de Andrade. São Paulo: Globo, 2012.

⁵⁶ ONFRAY, Michel. **A razão gulosa: filosofia do gosto**. Trad. Ana Maria Scherer. Rio de Janeiro: Rocco, 1999. P. 71.

IV. DO LOGOS AO PATHOS: OLHARES MÚLTIPLOS SOBRE A CULINÁRIA, LITERATURA E VIDA

Marcel Proust, *A la Recherche*, comidas e bebidas, culinária para além das *madeleines*. Esses foram os trajetos que levaram até a descoberta de uma culinária indócil. Partindo da leitura de um autor que advoga para a construção de sua obra um *pathos*, é redundante dizer que a culinária apresentada por ele não poderia ser sistematizada em um corpo único e inteligível, *logos*. Mas, seguindo ainda as suas ideias, ela poderia ser pensada, assim como na obra *Em busca*, como o estudo de grandes leis e generalidades dietéticas. É neste sentido que se poderia dizer que a leitura de uma culinária indócil, nessa obra, desvela as quatro grandes características que foram detalhadas aqui.

Entrever uma culinária indócil é instaurar o exercício do nomadismo do pensamento e romper com imagens e significados estabelecidos sobre um dos aspectos mais cotidianos e íntimos da vida: o comer. É perceber que a culinária, como sistema da vida humana, guarda não só o nutritivo e a matéria-prima, mas a desnutrição e a destruição. Guarda a multiplicidade do existir. Tudo o que repousa de mais humano em cada um de nós também mora ali. Assim como foi no caso de Marcel Proust, de quem sobre tantas culinárias se pode falar a partir de sua obra, e que vivia sob uma dieta frugal: nem *madeleines*, nem chás, seu cardápio diário limitava-se a dois *croissants* e uma xícara de café com leite porque, para ele, os alimentos roubavam sua energia para o trabalho, segundo relato de sua governanta Céleste Albaret.

A partir de 1917, Proust já não pesava mais do que 45 quilos. Neste momento, o desejo pela obra o consumia completamente e vivia das lembranças de sabores. No dia 18 de novembro de 1922, aos 51 anos, o escritor morreu em sua residência na capital francesa, vítima de complicações respiratórias. Feneceu pleno em sua obsessão: havia concluído a obra para a qual havia vivido: “Em busca do tempo perdido”. Para ele, a obra não passa de uma espécie de instrumento óptico oferecido ao leitor a fim de lhe ser possível discernir o que, sem ela, não teria certamente visto em si mesmo. Assim sendo, como certa Combray estava na xícara de chá, a culinária indócil certamente tem seu lugar na *Recherche*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria**. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

_____. **A terra e os devaneios do repouso: ensaio sobre as imagens da intimidade**. Trad. Paulo Neves da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BARBOSA, Maria da Anunciação. **Em busca da tradução consagrada de Mário Quintana**. 2012. 166 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos Neolatinos) – UFRJ. Rio de Janeiro, 2012.

BATAILLE, Georges. **O Erotismo**. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

- BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Trad. Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- BECKETT, Samuel. **Proust**. Trad. Arthur Netrovski. São Paulo: Cosac Naify, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. Trad. Daniela Kern e Guilherme J. F. Teixeira. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007.
- BORGES, Jorge Luis. **Obras completas**. Buenos Aires: Emecê, 1990.
- COLLIN, Peter. “Food and drink a La Recherche du temps perdu”. **Neophilologus**. v. 54, n. 1, Pp. 244-257, 1970.
- COSNIER, Collete. “Gastronomia de Proust”. In: **Marcel Proust**. Trad. Ferreira Gullar. São Paulo: Civilização brasileira, 1971.
- DELEUZE, Gilles. **Dos regímenes de locos: textos y entrevistas (1975-1995)**. Trad. Valência: Pre-textos, 2007.
- _____. **Proust e os signos**. Trad. Antonio Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. **Kafka: para uma literatura menor**. Trad. Rafael Godinho. Lisboa: Assírio & Alvim, 2003.
- FOUCAULT, Michel. “Of others spaces”. In: **Diacritics**. Baltimore, v. 16, n. 1, Pp. 22-7, 1986. Disponível em:
<http://www.jstor.org/discover/10.2307/464648?uid=3737664&uid=2&uid=4&sid=21104118368193>. Acesso em: 07/05/2014.
- GUATTARI, Félix. **Revolução molecular: pulsações políticas do desejo**. Trad. Suely Rolnik. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- GUATTARI, Félix. ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1986.
- HARDACH, Gerd. **The First World War, 1914-1918**. São Francisco: University of California Press, 1981. 2 v.
- LAVIA, Mario. **Marcel Proust et la politique**. Roma: Portaparole, 2006.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **A origem dos modos à mesa**. Trad. Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Cosac Naify, 2006.
- _____. **Antropologia estrutural**. Trad. Chaim Samuel Katz e Eginardo Pires. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 2003.
- LISPECTOR, Clarice. **Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- MAHUZIER, Brigitte. **Proust et la guerre**. Paris: Honoré Champion, 2014.
- ONFRAY, Michel. **A razão gulosa: filosofia do gosto**. Trad. Ana Maria Scherer. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- PAINTER, George D. **Marcel Proust**. Trad. Fernando Py. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1985.
- PROUST, Marcel. **Sodoma e Gomorra**. Trad. Mário Quintana. São Paulo: Globo, 2008.

- _____. **A fugitiva**. Trad. Carlos Drummond de Andrade. São Paulo: Globo, 2012.
- _____. **À la recherche du temps perdu**. Org. Jean-Yves-Tadié. Paris: Éditions Gallimard, 1999.
- _____. **A prisioneira**. 13. ed. Tradução de Manuel Bandeira e Lourdes Sousa de Alencar. São Paulo: Ed. Globo, 2011.
- _____. **À sombra das raparigas em flor**. Trad. Mário Quintana. Rio de Janeiro: Globo, 2006.
- _____. **No caminho de Swann**. Trad. Mário Quintana. Rio de Janeiro: Globo, 2006.
- _____. **O caminho de Guermantes**. Trad. Mário Quintana. Rio de Janeiro: Globo, 2007.
- _____. **O tempo redescoberto**. Trad. Lúcia Miguel Pereira. São Paulo: Globo, 2013.
- _____. **Sodoma e Gomorra**. Trad. Mário Quintana. São Paulo: Ed. Globo, 2008.
- SILVA, Maria Eliane da. **O devir – Clarice e o animal – escrita na literatura infantil**. 2010. 138 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – UFRN. Natal, 2010.

Artigo recebido em: 06/08/2017 e aceito em: 09/03/2018